FERRETTI, BASTIDE, O SINCRETISMO E A CASA DAS MINAS

FERRETTI, BASTIDE, SYNCRETISM AND THE CASA DAS MINAS CULT HOUSE

João Leal*

Introdução

Em entrevista que me concedeu em 2011, Sérgio Ferretti (1937-2018) referiu a importância da obra de Roger Bastide (1898-1974) na sua opção pelo estudo da Casa das Minas em São Luís (MA): “Estudando na Bélgica, me interessei pelas religiões afro, através de Roger Bastide, das leituras de Bastide (...). Também fiz algumas cadeiras de Roger Bastide, sobre contactos de civilizações” (Ferretti, entrevista, 2011)¹. Mas foi quando chegou a São Luís que as consequências deste encontro com Bastide se fizeram sentir de modo mais decisivo:

Eu conheci [o livro de Bastide] lá [na Bélgica] em francês, e depois, quando foi tradu-

zido aqui, eu comprei aqui. Lá, eu não tinha nem comprado o livro, porque eram caros os livros. Eu lia na biblioteca e tinha aulas sobre ele. Mas eu ia na biblioteca e li o livro todo na biblioteca, fichei. Quando saí aqui eu me lembrei e comprei, li e aí eu constatei que ele estudava um pouco o Maranhão, a Casa das Minas. Aí, fui ler com mais calma e fui procurar a Casa das Minas que ele falava ali. (...) Essa leitura foi marcante. (...) Eu fui estudar inicialmente a Casa das Minas porque ele diz que é um pedaço da África. Então eu achei muito interessante esse pedaço da África (Ferretti, entrevista, 2011).

Seduzido por Bastide para o estudo da Casa das Minas, Ferretti desenvolveu a sua pesquisa em dois momentos: um momento

* Universidade Nova de Lisboa (UNL), Lisboa, Portugal. E-mail: joao.leal@fcsh.unl.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0513-103X>.

¹ Entrevista concedida ao autor deste artigo, em 25 de junho de 2011 (áudio).

mais etnográfico, que culminou com a publicação de *Querebentã de Zomadônu. Etnografia da Casa das Minas* (2009 [1985]), resultante da dissertação de mestrado que defendeu na Universidade de São Paulo (USP); e um momento mais analítico, que deu origem ao livro *Repensando o Sincretismo* (1995), resultante da sua tese de doutorado realizada na mesma universidade.

O primeiro livro é uma monografia completa da Casa das Minas que, na sua edição revista de 2009, se estende por mais de 300 páginas. Na “Introdução”, Ferretti apresenta-a como um “ensaio de Antropologia da Religião” consagrado ao “estudo da Casa das Minas” que foca “as características da sua estrutura mitológica, do seu ritual e da sua organização, as mudanças por que tem passado nos últimos anos e a sua importância no ambiente religioso afro-maranhense” (Ferretti, 2009, p. 9). Em *Repensando o Sincretismo*, Ferretti, apoiado na informação etnográfica publicada em *Querebentã de Zomadônu* e em dados recolhidos posteriormente, está sobretudo interessado em explorar o peso do sincretismo afro-católico na Casa das Minas. A primeira parte do livro procede a uma extensa revisão da bibliografia sobre sincretismo nas religiões afro-brasileiras e na região norte do Brasil, com relevo para o tambor de mina; e a segunda parte estrutura-se em torno da análise de um conjunto de rituais que têm lugar na Casa das Minas que ilustrariam o seu perfil sincrético: a festa de Averequete, o Banquete dos Cachorros, o Arrambam e a Quaresma, a festa do Divino, a festa Grande e o Tambor de Pagamento, e, finalmente, as concepções sobre a morte e os rituais fúnebres.

Se no primeiro livro a sombra de Bastide é discreta, em *Repensando o sincretismo*, é, pelo contrário, decisiva. Pode, de fato, dizer-se que nesse livro é Bastide o interlocu-

tor privilegiado de Ferretti – o mais citado, o mais presente na sua argumentação e o mais influente na sua discussão sobre sincretismo e sobre a sua importância na Casa das Minas. Mas se outrora Bastide – lido numa chave positiva – tinha sido fundamental para a sua opção por esse terreiro, agora era bastante mais distanciada e crítica a atitude de Ferretti em relação ao antropólogo e sociólogo francês, sobretudo no tocante à sua tematização do sincretismo e à sua abordagem do perfil sincrético da Casa das Minas.

É justamente sobre o relacionamento de Ferretti com as teses de Bastide sobre o sincretismo e a sua presença na Casa das Minas, que se debruça este artigo. Nele, começo por apresentar sinteticamente os aspectos principais da tematização do sincretismo em Bastide, para depois me concentrar nas críticas de Ferretti ao antropólogo e sociólogo francês. Estas desenvolvem-se em dois planos: um deles é mais genérico e é dominado pela crítica ao famoso princípio do corte (ou da cisão, como também escreve Ferretti). O outro tem a ver com abordagem de Bastide à Casa das Minas, apresentada em *Les religions africaines au Brésil* (1960) e em *Les Amériques noires* (1967) como o terreiro mais africano do Brasil onde, segundo ele, o sincretismo seria irrelevante. Examino depois os apoios bibliográficos mobilizados por Bastide em defesa do seu ponto de vista. Na conclusão, regresso a *Repensando o sincretismo*, de forma a situar melhor a sua importância na antropologia das religiões afro-brasileiras dos anos 1990.

1. Bastide e o sincretismo: o princípio do corte

Na tematização de Bastide sobre o sincretismo podem distinguir-se três fases distintas (Leal, 2023). A primeira é representada pelas aproximações iniciais ao tema e compreende – para além do livro *Imagens do nordeste místico em branco e preto* (1945), em que o conceito de sincretismo é, pela primeira vez, aplicado por Bastide às religiões afro-brasileiras – três artigos publicados entre 1946 e 1955, escritos antes do seu regresso à França, em 1954. A segunda fase coincide com a publicação de *Les religions africaines au Brésil* (1960), resultante da tese que, em complemento a *O candomblé da Bahia* (2005 [1958]), Bastide apresentou na Sorbonne. O antropólogo e sociólogo francês propõe aí uma das suas mais completas abordagens ao tema, incluída numa visão de conjunto das religiões afro-brasileiras, que, para além do candomblé da Bahia, contempla ainda o catimbó, o xangô, o tambor de mina, a macumba e a umbanda. A *Les religions africaines au Brésil*, segue-se uma terceira fase na reflexão de Bastide sobre o sincretismo, marcada pela publicação de vários artigos que se estendem de 1963 até 1973, mas sobretudo pelo livro *Les Amériques noires* (1967). Este livro possui a mesma ambição generalizadora de *Les religions africaines au Brésil*, mas estende-a agora à escala continental, abordando não apenas a religião, mas outras facetas das culturas afro-americanas. Tanto os artigos como o livro regressam, retocam e por vezes reveem algumas ideias

anteriormente propostas sobre o sincretismo, ao mesmo tempo que abrem novas direções de trabalho².

Ao longo do tempo, Bastide foi modificando alguns aspectos da sua reflexão sobre o sincretismo, em particular sobre o sincretismo afro-católico, que foi aquele que sempre o interessou mais. Contudo, nunca abandonará uma visão deste influenciada pela sua leitura africanista das religiões de matriz africana no Brasil. Suscetível de comprometer essa leitura, o sincretismo afro-católico é por isso alvo de alguma menorização, e mesmo de alguma desqualificação, uma vez que colocaria em causa a “autenticidade” e a “pureza” das religiões de matriz africana no Brasil.

Um dos dispositivos principais dessa menorização assenta-se no famoso princípio do corte, inicialmente enunciado no artigo “Le principe de coupure et le comportement Afro-Brésilien” (1955). Neste, Bastide começa por sublinhar a importância das correspondências e analogias no candomblé e o modo como estas se estabelecem no interior de sistemas classificatórios compartimentados. De acordo com essa sua ideia, “nem tudo participa em tudo” (1955, p. 6)³. É justamente para designar o modo como “as participações se estabelecem no interior de um sistema classificatório” (1955, p. 6) organizado em compartimentos estanques, que surge “aquilo que nós chamamos de princípio do corte” (1955, p. 6). De acordo com este, entre os elementos pertencentes a diferentes compartimentos classificatórios seriam estabelecidas, não participações místicas, mas correspondências ou analo-

2 Sobre a tematização do sincretismo na obra de Bastide, ver, entre outros, Mary (1999, 2000), Capone (2007) e Leal (2023).

3 Todas as traduções para português das obras de Bastide são da minha responsabilidade.

gias. Seria o que se passaria com as equivalências entre santos católicos e orixás africanos, que eram então vistas na antropologia das religiões afro-brasileiras como sendo o aspecto principal do sincretismo afro-católico.

Fundamental para a caracterização das correlações entre santos e orixás, o princípio do corte seria ainda central para a análise de alguns aspectos de natureza mais sociológica das religiões afro-brasileiras. Estas assentariam, por um lado, no corte entre sagrado e profano – que permitiria a simultânea participação dos fiéis no candomblé e na vida secular –, e prolongar-se-iam, por outro lado, no corte que possibilita a dupla pertença – “fetichista” e católica – dos adeptos do candomblé. Como escreve Bastide, o princípio do corte seria um contributo tanto para “a Antropologia Cultural e a Sociologia da Interpenetração das Civilizações, como para [o estudo] da aculturação e do sincretismo” (1955, p. 7). Este último conceito, acrescenta Bastide, seria “correto, mas sem explicação [i.e., sem o princípio do corte] arrisca a prestar-se a confusões. Não se trata de mistura” (1955, p. 11).

Mais tarde, o princípio do corte perderá parte do protagonismo que ocupou na reflexão de Bastide sobre o sincretismo. Mas, com recurso à distinção entre aculturação material e formal ou ao conceito de sincretismo em mosaico (Leal, 2023), manteve-se a sua desvalorização. Esta é frequentemente acompanhada de alguma adjetificação desqualificadora do sincretismo. De fato, como sugeriu Stefania Capone, por detrás do princípio do corte – como, mais tarde, da distinção entre aculturação material e formal e do conceito de sincretismo em mosaico – estaria a contraposição entre um bom sincretismo – por separação; e um mau sincretismo – por fusão (Capone, 2007).

Como Bastide sugere, justamente a propósito do tambor de mina de São Luís do Maranhão, o “sincretismo” é sinónimo de “degradação” (1960, p. 304). Mais tarde, essa desqualificação surge mais matizada (Leal, 2023), mas não restam dúvidas que Bastide sempre teve um olhar incomodado perante o sincretismo. Será, por isso, uma das fontes de inspiração do *Manifesto antissincretismo* de 12 de agosto de 1983, subscrito por conhecidas mães e pais de santo da Bahia (Agier, 2001; Serra, 1995).

2. Ferretti *versus* Bastide

Responsável pela opção de Ferretti pela Casa das Minas e autor de uma das reflexões de maior fôlego sobre o sincretismo nas religiões afro-americanas, é por isso natural que Bastide seja de alguma forma o interlocutor principal de Ferretti em *Repensando o sincretismo* (1995). Essa interlocução é, porém, como notámos, crítica.

O tom é logo dado na “Introdução” e é depois retomado no capítulo “Revisão da literatura sobre sincretismo religioso afro-brasileiro” (1995, p. 41-74). Assim, depois de uma apresentação das contribuições de Bastide sobre o tema, Ferretti consagra cinco páginas à crítica a esses contributos. Essas críticas são retomadas no capítulo seguinte – “Estudos sobre sincretismo na região Norte” –, onde Ferretti (1995) analisa as referências ao tambor de mina e à Casa das Minas em particular que se podem encontrar em *Les religions africaines au Brésil* e em *Les Amériques noires*. Nos diferentes argumentos desenvolvidos por Ferretti ao longo do livro são também várias as referências críticas – muitas vezes mais implícitas do que explícitas – a Bastide. Isso é particularmente verdade quando Ferretti (1995) propõe a sua própria tipologia do sincretismo no capítulo

4 e nas referências ao princípio bastidiano do corte constantes das “Conclusões”.

Começamos pelas críticas mais genéricas que Ferretti faz à conceptualização bastidiana do sincretismo. Essas centram-se sobretudo no princípio do corte como forma dominante do sincretismo afro-católico. Assim, na “Introdução”, Ferretti socorre-se de Roberto Da Matta e do seu famoso livro *A casa & a rua* (1987) para contrapor ao princípio do corte – que acentua, como vimos, a separação dos universos religiosos africano e católico – “o carácter relacional da nossa sociedade, não percebido por Roger Bastide, ao acentuar o princípio da cisão” (1995, p. 17). E prossegue: “o sincretismo, a nosso ver, também se enquadra nas características desta capacidade brasileira de relacionar coisas que parecem opostas” (p. 17).

Esta linha de argumentação é retomada no capítulo “Revisão da literatura sobre sincretismo religioso afro-brasileiro”. Porém, em vez de Da Matta, é a Mário de Andrade (1893-1945) e a *Macunaíma* (1928) que Ferretti recorre para criticar o princípio do corte:

Enquanto Mário de Andrade se colocava favorável à mistura, ao sincretismo e à macumba, Bastide se colocava do lado da pureza do candomblé, separado do sincretismo e da mistura, fenómeno que explicava pelo princípio do corte (Ferretti, 1995, p. 59).

E o mesmo argumento volta a encontrar-se nas “Conclusões”, de novo com recurso a Da Matta:

O princípio da cisão proposto por Bastide para entender o sincretismo pode ser aplicado, mas a nosso ver não é uma explicação

adequada. Não podemos concordar com o modo como Bastide encara este fenómeno, a partir de ideias de dualidade e compartimentação (como se o mundo para o negro estivesse dividido em compartimentos estanques e inconciliáveis). Não existe no afro-brasileiro esta compartimentação e esta dualidade (Ferretti, 1995, p. 219).

Dando depois o exemplo dos “participantes da Casa das Minas”, Ferretti (1995, p. 219) acrescenta:

[eles] não são africanos, são brasileiros, adaptados à nossa cultura e à nossa sociedade. Conciliam coisas que para os de fora parecem contraditórias e inconciliáveis. Da Mata (1987), analisando o carácter relacional de nossa sociedade, salienta esta capacidade do brasileiro de unir tendências separadas por tradições distintas. Essa perspectiva nos parece mais adequada para entender o sincretismo do que o princípio da cisão proposto por Bastide.

Criticando a redução do sincretismo ao princípio do corte, Ferretti propõe simultaneamente uma tipologia alternativa, capaz de contemplar os vários modos em que operaria o sincretismo. Esta, para além da “separação”, compreenderia três outras modalidades: “mistura, junção ou fusão”; “paralelismo ou justaposição”; “convergência ou adaptação” (1995, p. 91)⁴. A partir da sua experiência de pesquisa na Casa das Minas, Ferretti exemplifica:

Podemos dizer que existe convergência entre ideias africanas e de outras religiões, sobre a concepção de Deus ou sobre o conceito

4 Para uma apresentação mais geral dos principais aspectos da conceptualização do sincretismo em Ferretti, ver Leal (2018).

de reencarnação; que existe paralelismo nas relações entre orixás e santos católicos; que existe mistura na observação de certos rituais pelo povo-de-santo, como o batismo e a missa de sétimo dia, e que existe separação em rituais específicos de terreiros, como no tambor de choro ou axexê, no arrambam ou no lorogum (1995, p. 91).

A par dessas críticas mais genéricas, Ferretti procede também a críticas mais específicas que têm a ver com o modo como, sobretudo em *Les religions africaines au Brésil* (1960) e em *Les Amériques noires* (1967), a Casa das Minas é tratada por Bastide.

Como decorre da correspondência entre ambos, terá sido Pierre Verger (1902-1996), provavelmente em 1947 (Ferretti, 1995), a sinalizar a importância da Casa das Minas a Bastide⁵. Este fará, em julho e agosto de 1951, uma breve estadia de terreno em São Luís, focada na Casa das Minas, que o terá impressionado muito. Por isso, quando escreve *Les religions africaines au Brésil* (1960), Bastide elogia enfaticamente a “pureza” africana da Casa das Minas que define como “uma ilha de resistência africana” situada no meio de uma zona de transição, onde o catimbó e o tambor de mina se abandonam às mais estranhas misturas” (Bastide, 1960, p. 254) ou como “um canto do Daomé transplantado para o outro lado do oceano” (p. 263). Enquanto os restantes terreiros de tambor de mina do Maranhão estariam contaminados pela mistura e pelos sincretismos, na Casa das Minas – que mais tarde Bastide definirá como praticando uma “religião em conserva” (1967) – “o mundo brasileiro pára nos muros da casa, apenas lambendo com as suas ondas esta ilha se-

creta, esta miniatura do Daomé, virada para o seu jardim interior” (1960, p. 264).

Argumentando a favor da irrelevância do sincretismo na Casa das Minas, Bastide dará especial atenção ao tema da equivalência entre santos católicos e voduns. Segundo ele, “na Casa das Minas a maioria dos voduns não encontra equivalentes católicos; o sincretismo é ali sobretudo um sincretismo entre o calendário das festas africanas e calendário brasileiro tanto religioso como civil” (1960, p. 395). Mais tarde, em *Les Amériques noires* (1967), a mesma ideia é retomada de forma mais enfática. Depois de constatar a importância do sincretismo no Maranhão, Bastide (1967, p. 114) escreve:

Pois bem! A Casa das Minas é uma das raras exceções a esta regra. Os Voduns não estão aí ligados aos santos e se as festas da confraria tiveram que se deslocar no tempo para se integrarem no calendário nacional, foi unicamente para melhor dissimular a festa “fetichista” na alegria do povo, para que ela passe despercebida [sic].

No mesmo livro, Bastide procede também a uma enumeração das condições que favorecem (ou dificultam) o sincretismo. Este seria mais “pronunciado” quando se passa dos daomeanos (*Casa das Minas*) aos iorubá e destes últimos, aos bantos” (1967, p. 158); “quando se passa das zonas rurais, onde a mestiçagem cultural é intensa, às cidades” (1967, p. 159); e “quando se passa das religiões ‘em conserva’ às religiões vivas” (1967, p. 159). O que é de relevar nesta tipologia é o modo como a Casa das Minas

5 Sobre a correspondência entre Verger e Bastide em torno da Casa das Minas, ver Morin (2017) – em particular as cartas 14 e 15.

(“daomeana”, “urbana” e em “conserva”) é implicitamente vista como a mais poupada ao sincretismo. Este ponto merece ser sublinhado. Se a *pièce de résistance* da narrativa africanista de Bastide é usualmente considerada como sendo seu livro sobre o candomblé da Bahia (Bastide, 2005 [1958]), em 1960 – *Les religions africaines au Brésil* – e sobretudo em 1967, com *Les Amériques noires*, é a Casa das Minas que passa a ocupar o lugar antes ocupado pelo candomblé: o de religião mais africana e menos sincrética do Brasil.

É justamente esta caracterização da Casa das Minas proposta por Bastide que Ferretti – forte na sua longa experiência de trabalho de campo nesse terreiro – critica em *Repensando o Sincretismo*. Chama por exemplo a atenção para

[...] afirmações apressadas, imprecisas ou erradas [de Bastide], como por exemplo; que na mitologia os voduns não vivem na cidade, mas nos campos (...); diferenciando o estado de transe das tobossi (transe infantil), dos toquenos (que diz ser de transição) e dos deuses propriamente ditos (...); identificando tobossi e erê com ibejí (...); dizendo que a possessão pelos toquenos ocorre somente após à dos voduns (...); afirmando que Verger mostrou que a Casa das Minas de São Luís teria sido provavelmente fundada em 1796 (Ferretti, 1995, p. 61).

A mesma atitude crítica é reservada por Ferretti à abordagem de Bastide à equivalência entre santos católicos e voduns. Como afirma nas “Conclusões”, se muitos voduns não têm equivalência com os santos católicos” (1995, p. 221), muitos outros “dizem (...) que são devotos, ou que adoram os santos da Igreja” (p. 218). Esse tema já havia, de resto, sido abordado anteriormen-

te por Ferretti, ao assinalar que “no Maranhão é comum no tambor de mina, dizer que um vodum ‘adora’ ou tem devoção por esse ou aquele santo católico, assinalando a relação de subordinação do vodum ao santo, considerada como entidade situada em nível hierárquico superior” (p. 133). Um dos exemplos dados por Ferretti, para a Casa das Minas, é o de Averequete que “adora São Benedito, que é um santo muito popular no Maranhão” (p. 134). Outro é o da festa do Divino que, “na Casa das Minas é devoção de nochê Sepazim, princesa real, filha do rei Dadarro, casada com o príncipe Daco-Donu, que adora o Divino Espírito Santo” (p. 168).

Ferretti discorda também da caracterização da Casa das Minas como “religião em conserva” feita por Bastide em *Les Amériques noires*. Como afirma nas “Conclusões”, embora “o tambor de mina e a Casa das Minas [resistam] às mudanças, mantendo-se fiéis ao mito original”, “esta resistência, entretanto, não é paralisadora. Não se trata de uma religião em conserva, como disse Bastide. A tradição da casa se mantém viva, atualiza-se e se adapta” (Ferretti, 1995, p. 220).

Mas Ferretti discorda sobretudo de Bastide quanto à caracterização exclusivamente africanista da Casa das Minas, por ele proposta, e à secundarização a que o antropólogo e sociólogo francês vota o sincretismo. De fato, o grande objetivo de *Repensando o sincretismo* é, – como vimos antes – mostrar a importância do sincretismo na Casa das Minas. Este, por um lado, atravessaria todos os rituais analisados na segunda parte da sua monografia, onde atuaria “predominantemente como paralelismo e em alguns casos como convergência” (1995, p. 92). E seria uma característica mais geral da Casa das Minas, que não entraria em contradição

com a sua forte matriz africana. Como Ferretti (1995, p. 217) afirma nas “Conclusões”,

Constatamos que a Casa das Minas é muito tradicional e, ao mesmo tempo, altamente sincretizada. A presença do sincretismo não descaracteriza a tradicionalidade da religião. Não há portanto fronteiras nitidamente demarcadas entre sincretismo e tradição. A originalidade principal do nosso trabalho consiste justamente em analisar o sincretismo num dos grupos religioso afro-brasileiros mais tradicionais.

Isto é, enquanto para Bastide a Casa das Minas é apresentada como a religião mais africana do Brasil e aquela em que o sincretismo se faria menos presente, a grande conclusão de Ferretti é de que a Casa das Minas é simultaneamente tradicional – no sentido de preservar intactos muitos aspectos da tradição religiosa jeje – e “altamente” sincrética. Este é, parece-me, o principal pomo de discórdia entre Ferretti e Bastide.

3. As fontes de Bastide

Para melhor entendermos as discordâncias entre ambos há que olhar para as fontes a partir das quais Bastide trabalha. Como vimos, ele próprio fez um deslocamento a São Luís em 1951, mas, dada a curta du-

ração deste, o essencial da sua informação provém de três estudos publicados no final dos anos 1940: *A Casa das Minas: culto dos voduns jeje no Maranhão*, de Nunes Pereira (1893-1985) (Nunes Pereira, 1979 [1947])⁶; *The negro in northern Brazil: a study in acculturation*, de Octávio da Costa Eduardo (1919-2019) (Eduardo, 1966 [1948]); e *Registros sonoros de folclore musical brasileiro II: tambor-de-mina e tambor-de-crioulo*, de Oneyda Alvarenga (1911-1984) (Alvarenga, 1948)⁷.

Estes três estudos são algo distintos entre si. A monografia de Nunes Pereira é dedicada exclusivamente à Casa das Minas, que o autor – veterinário com larga experiência de pesquisa etnográfica – conhecia a partir de dentro desde a sua infância, uma vez que sua mãe e sua madrinha foram voduns da Casa das Minas⁸. Quanto à monografia de Octávio Eduardo, é o resultado da sua tese de doutorado em Antropologia realizado na Northwestern University, sob a orientação de Melville Herskovits (1895-1963) (a primeira realizada por um antropólogo brasileiro nos EUA). Nunca tendo sido traduzido para português, o livro abrange dois contextos distintos: a cidade de São Luís e o povoado rural de Santo António dos Pretos (Codó). Embora tratando outros temas – como a vida econômica ou a organização familiar – o foco principal da pesquisa de Eduardo foi a religião, com par-

6 Na sua primeira edição, a monografia de Nunes Pereira tinha um título diferente: *A Casa das Minas. Contribuição ao estudo das sobrevivências do culto dos voduns do panteão daomeano no estado do Maranhão*. A sua segunda edição acrescenta uma segunda parte escrita para a ocasião. Porém, a primeira parte da monografia retoma na íntegra o texto de 1948.

7 Como escreve Ferretti, “Bastide esteve poucos dias no Maranhão em inícios da década de 1950 e fez muitas afirmações sobre a Casa das Minas baseadas, sobretudo em informações de outros autores como Costa Eduardo e Nunes Pereira” (2012, p. 1).

8 Para uma biografia muito completa de Nunes Pereira ver Costa (1997).

ticular relevo, em São Luís, para o tambor de mina. Este foi estudado pelo antropólogo brasileiro em vários terreiros, com destaque para a Casa das Minas, que Eduardo trata como a “casa Daomeana”; para a Casa de Nagô – apresentada como a “casa Iorubá” –, e para um conjunto de terreiros “Iorubá derivados”⁹. Já o curto estudo de Oneyda Alvarenga acompanha e introduz discos com cânticos (ou doutrinas, como são hoje chamadas pelos mineiros) do tambor de mina recolhidos em 1938 no âmbito da Missão de Pesquisas Folclóricas no Nordeste (dirigida por Mário de Andrade). Além de uma caracterização geral do tambor de mina, centra-se no terreiro Fé-em-Deus (bairro João Paulo, São Luís) dirigido por Maximiliana Silva, cujos cânticos, além de publicados nos discos, são também transcritos.

É em Octávio Eduardo e Oneyda Alvarenga que Bastide (1960) vai buscar a informação sobre os terreiros do Maranhão que ele descreve, desaprovadamente, como sincréticos. Assim, a sua caracterização das religiões afro-brasileiras nas zonas rurais do Maranhão inspira-se na pesquisa conduzida por Octávio Eduardo em Santo António dos Pretos. Depois de apresentar alguns aspectos da análise de Eduardo, Bastide (1960, p. 259) conclui:

Desta maneira criou-se uma religião onde os espíritos são mais índios ou santos católicos, mas onde, entretanto, o ritual se afasta sensivelmente da tradição da pajelança pura para incorporar muitos elementos do cerimonial africano.

É também em Octávio Eduardo – em particular à sua análise dos terreiros de tambor de mina “Iorubá derivados” – e em Oneyda Alvarenga, que Bastide vai buscar os elementos para a caracterização do tambor de mina nos arredores de São Luís, que ele define como um “cruzamento de religiões ou, melhor, um *beco sem saída* onde se encontram as mais diversas místicas” (1960, p. 260, *itálicos meus*).

Mas enquanto Octávio Eduardo e Oneyda Alvarenga estão sobretudo interessados na apresentação e caracterização, num registo descritivo e não valorativo das religiões afro-brasileiras do Maranhão – com destaque para o tambor de mina – Bastide está sobretudo empenhado em qualificar essa informação, que seria demonstrativa dos mais “estranhos casamentos” espirituais (1960, p. 254) que caracterizariam as “seitas degradadas dos arredores de São Luís” (p. 304).

Quanto à Casa das Minas, as fontes de informação de Bastide são fornecidas pelas monografias de Nunes Pereira e de Octávio Eduardo. Se o primeiro, como vimos, se debruça exclusivamente sobre a Casa das Minas, o segundo é mais ambicioso, uma vez que, para além da Casa das Minas, estuda outros terreiros de tambor de mina. Mas terá sido na Casa das Minas que sua pesquisa se revelou mais completa, e foi com esse terreiro que Eduardo construiu maior familiaridade. Esta teve expressão, nomeadamente, no seu relacionamento muito próximo com Mãe Andreza – a mãe de santo da Casa das Minas – e na atribuição a Octávio Eduardo de um nome jeje dado pelos

9 Para uma abordagem à monografia de Octávio Eduardo, ver Leal (2022). Ver ainda Ramassote que publicou e comentou a correspondência de Octávio da Costa Eduardo com Melville J. Herskovits (2017a, 2017b), também comentada por Ferretti (2017) e, ainda, Cavalcanti (2019). Além de sua monografia, Eduardo publicou também dois artigos sobre sua pesquisa no Maranhão (Eduardo, 1951, 1952).

voduns: fato que Eduardo refere numa das suas cartas para Herskovits, quando relata o seu regresso, após uma pausa em sua pesquisa, à Casa das Minas.

[Lá] esperavam-me com o nome jêje deixado pelos voduns para mim. Eu sou de Danbirá, filho de Podiboji (por causa da velha Mãe Andreza) e meu nome é Bosso Hôdokhuê; Bosso denota Danbirá ou Davisse. Hô denota Zomada e dokhuê quer dizer que eu sou da casa, filho da casa. Cada pessoa do grupo tem seu nome jêje dado pelos voduns; é por este nome, e não pelo seu verdadeiro, que é chamada por eles (Ramassote, 2017b, p. 279)¹⁰.

Provavelmente em resultado desta sua proximidade com a Casa das Minas, a informação de Eduardo sobre este terreiro é de grande relevância. Por exemplo, é Eduardo – antes de Verger (1952, 1990) e de Judith Gleason (1929-2012) (Gleason, 1970) – a sugerir as origens reais, no Daomé, da Casa das Minas¹¹. E a sua informação sobre o panteão jeje da Casa das Minas é também, nos anos 1940, a mais completa.

Escrevendo sensivelmente, à mesma altura, sobre a Casa das Minas, Nunes Pereira e Octávio Eduardo têm, porém, pontos de vista distintos sobre o terreiro. Assim, Nunes Pereira (1979) vai não apenas enfatizar as origens africanas da Casa das Minas, como vai desvalorizar o sincretismo. A Casa das Minas, segundo o autor, seria “uma sociedade africana transplantada para o Brasil” (1979, p. 22), ou, numa outra formula-

ção, “uma sociedade genuinamente africana, com as suas leis, os seus deuses, os seus costumes e as suas tradições” (p. 22). Mais à frente, depois de constatar que a Casa das Minas está instalada num edifício de arquitetura colonial, Nunes Pereira acrescenta: “se o tipo da Casa, na sua arquitetura, é colonial, a sua alma é africana, lididamente africana” (1979, p. 25).

Paralelamente, Nunes Pereira procede a uma desvalorização do sincretismo. Esta faz-se sobretudo por intermédio da ideia – depois retomada por Bastide – que na Casa das Minas não seriam estabelecidas equivalências entre divindades africanas e santos católicos. Na sua primeira abordagem ao tema, Nunes Pereira (1979) é categórico:

Minhas investigações (...) me autorizam a afirmar que um Santo negro mina-jeje é, essencialmente africano, não pertencendo nem podendo ser confundido com os santos da hagiologia católica, deixando, assim, de verificar-se o sincretismo religioso de outros terreiros (p. 32).

Mais à frente reafirma esse ponto:

[...] um Vodun mina-jeje, como Badé ou como Çôbô, sua mãe, não é São Jerónimo ou Santa Bárbara, deixando, assim, de verificar-se o sincretismo religioso que outros estudiosos da etnologia dos Negros apontam nesta ou naquela província etnográfica do Brasil (p. 33).

E volta a ele no final da monografia:

10 Como escreve Ferretti, este acontecimento “demonstra o nível das boas relações entre o pesquisador e os participantes do grupo de culto. Não temos conhecimento de outro pesquisador da Casa das Minas que tenha recebido dos voduns um nome africano (2017, p. 220).

11 Ver, sobre este ponto, Cavalcanti (2019).

Apreciando-se, em conjunto ou isoladamente, as figuras da teogonia africanas aqui enumeradas (...), verifica-se que os Minas jejes do Quèrèbétan de São Luís do Maranhão não as assimilam aos santos do catolicismo de modo a podermos falar, rigorosamente, em sincretismo religioso e simbiose espiritual (p. 53).

Simultaneamente, parece haver em Nunes Pereira alguma desvalorização da presença do catolicismo na Casa das Minas. É o que se passa com a celebração de festas católicas no terreiro. Entre essas, conta-se a festa do Divino, que terá um importante papel na argumentação de Ferretti em *Repensando o sincretismo*. Em Nunes Pereira (1979, p. 53), há apenas uma curta passagem em que desvaloriza o seu significado:

Por ocasião da festa católica do Divino, na Casa das Minas, também a comemoram, concorrendo os fiéis do culto mina-jeje tanto para aquela como para esta. Não quero ver, entretanto, nessa tradição apenas o domínio daqueles sentimentos religiosos sobre os instintos e concepções políticas e sociais do Negro.

Mas tanto em relação à não equivalência entre divindades africanas e santos católicos como em relação às festas do Divino, o que deve ser sublinhado é que a informação – escassa – que Nunes Pereira adianta permitiria, de qualquer forma, matizar os seus juízos sobre a irrelevância do sincretismo na Casa das Minas. Assim, se a tematização da relação entre divindades africanas e santos católicos não é de equivalência, há de qualquer forma uma correlação estabelecida entre eles. Como escreve Nunes Pereira (1979, p. 33), citando Mãe Andreza: “Os Santos católicos, sendo apreciados, admirados, queridos pelos Voduns jejes, nós, os da Casa Grande, temos também de apreciá-los,

admirá-los e querê-los”. Relativamente às festas do Divino, Nunes Pereira refere também o modo como o couro do bode sacrificado no peji seria usado para as caixas do Divino: “Após a cerimônia de imolação de um chibarro propiciatório no pégi da Casa das Minas, a sua pele era dada para ser posta na caixa do Espírito Santo ou, simplesmente, Divino” (1979, p. 52).

Mas, mais uma vez, dessa informação que liga explicitamente o sacrifício animal “africano” ao culto católico do Divino, não são extraídas conclusões. O mesmo sucede com a referência às menções a Jesus Cristo nas doutrinas africanas cantadas nos toques de tambor de mina: “em certas danças, as Noviches, cantando em língua africana, se referem com grande reverência, à figura de Jesus” (Nunes, 1979, p. 33). Embora logo em seguida Nunes Pereira afirme que “por certo, será ver-se nisso uma prova de sincretismo religioso” (p. 33), não é esse o caminho que segue.

Talvez por isso, Arthur Ramos (1903-1949), que prefacia o livro e era “adepto” do sincretismo – conceito que introduziu no Brasil (Leal, 2021) –, faz um comentário cauteloso sobre esse aspecto preciso da monografia de Nunes Pereira. Escreve ele:

Muitas coisas haveria ainda a comentar e a discutir sobre esta interessante monografia de Nunes Pereira. A questão do sincretismo, por exemplo. (...) Nunes Pereira acha que o corpo religioso e mítico da Casa das Minas se tenha mantido em estado de relativa pureza, não assimilando os seus Voduns aos santos do catolicismo. (...) Mas nas próprias pesquisas do autor encontramos dados que evidenciam certa aproximação com as divindades católicas, embora de modo mais mitigado do que entre os outros grupos negros do Brasil (Ramos *apud* Nunes 1979, p. 17).

Pelo contrário, Octávio Eduardo – de alguma forma antecipando ideias que mais tarde Ferretti desenvolverá – tenta mostrar como a relação forte da Casa das Minas com a África é acompanhada de “sincretizações” com o catolicismo. Essa sua atenção ao sincretismo decorre, naturalmente, do fato de o seu orientador de doutoramento – Melville Herskovits – ter sido o principal teorizador, nos anos 1930 e 1940, da aculturação, em particular da aculturação religiosa nas religiões afro-americanas, às quais consagrou várias monografias (Leal, 2021). Por isso, foi grande a atenção de Eduardo ao tema do sincretismo. Assim, como ele escreve logo no início do capítulo sobre “Religião”,

[...] se todos os terreiros misturaram crenças africanas e europeias, os terreiros Daomeanos [i.e. a Casa das Minas] e Iorubás [i.e. a Casa de Nagô] são, de um ponto de vista africano mais ortodoxos, *embora a integração de crenças e práticas africanas e católicas tenha sido alcançada nestes terreiros como em outros* (Eduardo, 1966, p. 48, itálicos meus)¹².

É justamente ao enunciado da “integração de crenças e práticas africanas e católicas” que Eduardo procede depois. Assim, diferentemente de Nunes Pereira, Octávio Eduardo refere que na Casa das Minas são feitas correspondências entre santos católicos e voduns daomeanos, embora em menor proporção do que noutros terreiros. Essas correlações oscilariam entre a identificação

e outro tipo de correlações distintas das até então identificadas para outros casos:

No terreiro Daomeano, por exemplo, a mesma pessoa pode dizer que um santo, na sua capacidade de “mistério”, é um vodun. Santa Bárbara, por exemplo, é uma santa no céu, mas como “mistério” é chamada Sobo. A mesma pessoa explicará que os santos são diferentes dos voduns e que os voduns são meramente espíritos nascidos no dia da festa dos santos, que se transformam assim em seus porta-vozes e protetores¹³. Acredita-se que Sobo nasceu no dia da festa de Santa Bárbara; ou diz-se que Dosu, que é visto como um poeta e anda sempre a cavalo, nasceu no dia consagrado a São Jorge, que é o seu protetor. Tosa e Tose, que são gêmeos, são logicamente identificados com os santos Cosme e Damião (Eduardo, 1966, p. 83-84).

Outras “identificações” presentes na Casa das Minas seriam entre Verequete (ou Averequete, como é hoje mais conhecido em São Luís) e São Benedito, entre Sapata e São Lázaro, ou entre Nae e Maedona e Nossa Senhora (Eduardo, 1966). Antes, Eduardo havia já sublinhado, na secção dedicada à festa do Espírito Santo, que o Deus católico, Jesus Cristo e o Espírito Santo eram tratados na Casa das Minas por Evo Vodun, que “significa que estas divindades estão acima de todas as outras” (1966, p. 54).

Diferentemente de Nunes Pereira, Eduardo sublinha também o importante papel desempenhado por algumas festas católi-

12 Todas as traduções para português da obra *The negro in northern Brazil: a study in acculturation*, de Octávio da Costa Eduardo, são da minha responsabilidade.

13 Este episódio é referido na correspondência de Octávio Eduardo para Melville Herskovits reunida e comentada por Rodrigo Ramassote (2017b). Aparentemente, a interlocutora de Eduardo que lhe disse que “um santo, na sua capacidade de ‘mistério’, é um vodun (...), procurou, depois, ao que penso, despistar-me ou lançar um pouco de confusão na minha mente” (2017b, p. 261).

cas no calendário ritual da Casa das Minas. Desde logo, a festa do Divino que Nunes Pereira havia referido apenas de passagem, Eduardo diz ser uma das “mais impressionantes” (1966, p. 54) que se realizam em São Luís. Outro exemplo seria o chamado Banquete de Cachorros – uma festa em honra de São Lázaro provinda do catolicismo popular – que Eduardo (1966, p. 98) descreve assim:

Vários pratos com comida são colocados no chão, face a crianças entre os cinco e os oito anos de idade, e as filhas de santo, os músicos e simpatizantes da Casa, sentam-se em frente das crianças, cada uma das quais com um cão a seu lado, ao qual são dados vários tipos de comida. Durante esse tempo, as dançantes em possessão, vestidas com a sua roupa ritual, andam à volta das crianças, cantando em Fô, honrando tanto São Lázaro como Sapata.

Finalmente, Eduardo sublinha a participação das filhas de santo nas ladainhas católicas que antecedem os toques de tambor:

Na casa Daomeana pode-se observar um muito interessante sincretismo relativo às ladainhas, porque aqui as dançantes, possuídas pelos deuses africanos, assistem a esse ritual com os vestidos das respetivas divindades (1966, p. 86).

Mantêm-se, entretanto, em silêncio, e no final da ladainha católica “cantam por seu turno uma ‘ladainha’ em Fô, honrando o vodun cuja festa está a ser celebrada” (Eduardo, 1966, p. 86).

A visão exclusivamente africanista de Nunes Pereira é, portanto, substituída em Octávio Eduardo por uma perspectiva que combina África com o sincretismo afro-católico.

Trabalhando sobre a Casa das Minas a partir desses dois autores, Bastide opta, de alguma forma, por seguir a linha analítica africanista de Nunes Pereira e colocar de lado a informação e a argumentação de Eduardo sobre o sincretismo. Assim, entre a afirmação de Nunes Pereira de que na Casa das Minas não haveria equivalência entre divindades africanas e santos católicos, e as várias informações de Octávio Eduardo que sugerem a existência de algumas equivalências e correlações, Bastide escolhe Nunes Pereira. Não faz também referência à festa do Divino e seu breve apontamento sobre o Banquete dos Cachorros deixa passar em branco o sincretismo nele inscrito, muito explícito na formulação de Octávio Eduardo (Bastide, 1960, p. 261). Em resumo: se Bastide pôde classificar a Casa das Minas não apenas como uma religião em conserva, mas como a menos sincrética das religiões afro-brasileiras, é porque foi essa a leitura que fez de duas das suas principais fontes: o crédito aos argumentos de Nunes Pereira em detrimento dos fatos e das análises apresentadas em sentido distinto por Octávio Eduardo.

Considerações finais

É justamente estas opções de Bastide que Ferretti coloca em questão em *Repensando o sincretismo*. Como Nunes Pereira, Ferretti ir-se-á consagrar exclusivamente à Casa das Minas. Mas, como Octávio Eduardo, irá valorizar essa articulação entre África e sincretismo que, embora não formulado tão explicitamente, já estava na abordagem de Eduardo.

Aquilo que começa por ser evidente na obra de Ferretti é, entretanto, por contraposição a estes dois autores que o antecederam, o maior fôlego etnográfico da sua pes-

quisa na Casa das Minas. É esse fôlego que lhe permite proceder a um muito completo tratamento do tema do sincretismo nesse terreiro. Mas o que é também relevante na sua pesquisa é uma atitude epistemológica que recusa os termos bastidianos que tornavam mutuamente exclusivos África e o sincretismo. Por isso *Repensando o sincretismo* é uma demonstração dos benefícios de uma lógica que, em vez do “either/or” (uma coisa, ou outra) bastidiano, opte pelo “both/and” (tanto uma coisa, como outra).

Seguindo este último caminho, Ferretti começou por navegar contra a corrente. De fato, quando publicou *Repensando o sincretismo*, era grande a indiferença da academia em relação ao tema. Este tinha sido um dos grandes tópicos organizadores da pesquisa sobre religiões afro-brasileiras (e afro-americanas) entre os anos 1930 e os anos 1960 (Leal, 2024), mas foi depois posto de lado pelas pesquisas de uma nova geração de antropólogos interessados noutros aspectos dos cultos afro-brasileiros. A este desinteresse acadêmico somou-se o distanciamento face ao sincretismo resultante do movimento de reafrikanização do candomblé, iniciado nos anos 1980, e das políticas de desincretização adotadas por muitos terreiros na sequência do *Manifesto antissincretismo* de 12 de agosto de 1983 (Serra, 1995). Ao escrever *Repensando o sincretismo*, Ferretti lamenta este desinteresse pelo sincretismo: “os aspectos mais sincréticos e os cultos considerados como ‘misturados’ foram tradicionalmente menos valorizados, tanto pela bibliografia clássica, quanto pelos líderes religiosos mais conhecidos” (1995, p.16).

Apesar deste quadro desfavorável, Ferretti tentou mostrar como o sincretismo constituía um horizonte adequado para pensar aspectos significativos, não apenas da Casa das Minas, mas do tambor de mina

em geral. Por isso, quando, a partir da segunda metade dos anos 2000 se assistiu a um regresso da antropologia ao sincretismo – com este ou outros nomes – Ferretti registrou e saudou essa nova tendência, entrando em diálogo com alguns dos antropólogos que a protagonizaram (Ferretti, 2007, 2014).

O declínio recente da Casa das Minas parece ter dado razão a Ferretti. Tendo-se oposto, em 1995, à ideia bastidiana de “religião em conserva”, Ferretti ver-se-á forçado, em 2012, a reconhecer que era afinal esse o caso da Casa das Minas (e da Casa de Nagô):

A expressão “religiões em conserva”, utilizada por Bastide, contra a qual nos posicionamos anteriormente (...), hoje nos parece razoável em relação ao tambor de mina, tendo em vista que a Casa das Minas jeje em São Luís encontra-se praticamente em extinção (Ferretti, 2012, p. 2).

Ferretti indica, em seguida, as razões para essa extinção (ou “suicídio cultural”), com destaque para a não realização de iniciações na Casa das Minas desde 1914, e o envelhecimento e morte de muitas vodunsi. Posteriormente, o falecimento da última mãe de santo da Casa das Minas – Dona Deni – e das últimas vodunsi ainda vivas deu, infelizmente, razão a Ferretti.

Isso não significa, porém, que a Casa das Minas tenha desaparecido. Mas o que subsiste dela parece dar razão a Ferretti e à sua insistência na importância do sincretismo afro-católico no terreiro. Assim, escrevendo em 2012 sobre o declínio da Casa das Minas (e da Casa de Nagô), Ferretti (2012, p. 8, itálicos meus) afirmou:

Um fato que temos também constatado na Casa das Minas e em parte na Casa de Nagô

é a *tendência a continuação da Casa mediante a realização de festas do catolicismo* e da cultura popular. As festas do Divino que sempre foram importantes nas duas Casas, continuam ativas e têm crescido mesmo com o desaparecimento da maioria das vodunsis. (...) Da mesma forma, algumas festas de santo do catolicismo popular como a queimação das palhinhas do presépio continua sendo organizada com ladainha e mesa de doces. Algumas outras festas de santo como no dia de Reis ou no dia de São Benedito, de Cosme e Damião, continuam sendo organizadas

Em seguida, comenta essa tendência (que se manteve até hoje):

Curiosamente, a Casa das Minas e a Casa de Nagô que eram bastiões tradicionais da religiosidade de origem africana no Maranhão, *hoje só continuam praticamente realizando rituais do catolicismo* e da cultura popular, o que não deixa de ser curioso e contraditório, mas ao mesmo tempo compreensível, pois mesmo sendo casas de culto afro-brasileiro, ambas sempre foram marcadas pela forte presença do catolicismo e da cultura popular como se constata com a festa do Divino que há muito tempo é importante na Casa (2012, p. 8, *itálicos meus*).

Que a continuação das festas católicas na Casa das Minas seja o aspecto mais relevante de sua atividade recente, não deixa de ser, como afirma Ferretti, “curioso e contraditório”. Mas é sobretudo, como ele depois acrescenta, “compreensível”, particularmente para alguém, como Sérgio Ferretti, que se esforçou por demonstrar que fidelidade à tradição africana e sincretismo afro-católico não eram orientações contraditórias. Por isso, uma vez tendo declinado a tradição africana, o que ficou foi o sincretismo.

Referências

- AGIER, M. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 7-33, 2001.
- ALVARENGA, O. *Registros sonoros do folclore musical brasileiro*. II. Tambor-de-Mina e Tambor-de-Crioulo. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo (Departamento de Cultura), 1948.
- ANDRADE, M. *Macunaíma: o herói sem nenhum carácter*. São Paulo: Oficinas Gráficas de Eugénio Cupolo, 1928.
- BASTIDE, R. *O candomblé da Bahia*. São Paulo: Companhia das Letras, [1958] 2005.
- BASTIDE, R. *Les Amériques noires*. Paris: Payot, 1967.
- BASTIDE, R. *Les religions africaines au Brésil*. Paris: PUF, 1960.
- BASTIDE, R. Le principe de coupure et le comportement Afro-Brésilien. CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 31, 1954. *Anais [...]*. São Paulo: Ed. Anhembi, v. I, 1955. p. 493-503.
- BASTIDE, R. *Imagens do nordeste místico em branco e preto*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica “O Cruzeiro”, 1945.
- CAPONE, S. Transatlantic dialogue: Roger Bastide and the African American religions. *Journal of Religion in Africa*, v. 37, n. 3, p. 1-35, 2007.
- CAVALCANTI, L. A Casa das Minas de São Luís do Maranhão e a saga de Nã Agontimé. *Sociologia e Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 387-429, 2019.
- COSTA, S. *Labirintos do saber: Nunes Pereira e as culturas amazônicas*. 1997. 434 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.
- DA MATTA, R. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

- EDUARDO, O. *The Negro in northern Brazil: A study in acculturation*. Seattle/London: University of Washington Press, [1948] 1966.
- EDUARDO, O. O tocador de atabaques nas casas de culto afro-maranhenses. *Mémoires de L'Institut Français d'Afrique Noire*, Paris, n. 27, p. 119-123, 1952.
- EDUARDO, O. Aspectos do folclore numa comunidade rural. *Revista do Arquivo de São Paulo*, São Paulo, v. 8, n. 144, p. 11-60, 1951.
- FERRETTI, S. Correspondência de Octávio da Costa Eduardo para Melville Herskovits (1943/1944). *Revista Pós Ciências Sociais*, São Luiz (MA), v. 14, n. 27, p. 213-229, 2017.
- FERRETTI, S. Sincretismo e hibridismo na cultura popular. *Revista Pós Ciências Sociais*, São Luiz, v. 11, n. 21, p. 15-33, 2014.
- FERRETTI, S. O longo declínio da Casa das Minas do Maranhão: um caso de suicídio cultural? *Comunicação apresentada à 24ª Reunião Brasileira de Antropologia*, São Paulo: PUC, 2012.
- FERRETTI, S. Entrevista concedida a João Leal, 25 de junho 2011 (áudio).
- FERRETTI, S. *Querenbentã de Zomadônu: etnografia da Casa das Minas do Maranhão*. Rio de Janeiro: Pallas, [1985] 2009.
- FERRETTI, S. Sincretismo e religião na festa do Divino, *Revista Antropológicas*, Recife, v. 18, n. 2, p. 105-122, 2007.
- FERRETTI, S. *Repensando o sincretismo: estudo sobre a Casa das Minas*. São Paulo: Edusp / Fape- ma, 1995.
- GLEASON, J. *Agotime. Her legend*. New York: Grossman Publishers, 1970.
- LEAL, J. Between Europe, Africa and the Americas: Transatlantic Transformations of Syncretism, *In: BIRKALAN-GEDIK, H.; DIMPFLMEIER, F. (orgs.), The Fabrics of Anthropological Knowledge: Changing Perspectives in and Beyond Europe*. London: Berghahn, 2024 (no prelo).
- LEAL, J. Bastide e o sincretismo: formação e desenvol-
vimentos de um conceito. *Religião e Sociedade*, vol. 43, n. 2, p. 11-37, 2023.
- LEAL, J. Octávio Eduardo, René Ribeiro e Melville Herskovits. Religiões afro-brasileiras, aculturação e sincretismo. *Horizontes Antropológicos*, vol. 28, n. 62, p. 145-177, 2022.
- LEAL, J. Tematizações do sincretismo na antropologia das religiões de matriz africana no Brasil (1930-1940). *Sociologia e Antropologia*, vol. 11, n. 2, p. 623- 649, 2021.
- LEAL, J. Ferretti, o Tambor de Mina e o sincretismo. *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore*, n. 64, p. 3-6, 2018.
- MARY, A. *Le bricolage africain des héros chrétiens*. Paris: Éditions du Cerf, 2020.
- MARY, A. *Le défi du syncrétisme: Le travail symbolique de la religion d'Egoba (Gabon)*. Paris: Éditions de l'EHESS, 1999.
- MORIN, F. (org.). *Roger Bastide, Pierre Verger, diálogo entre filhos de Xangô: Correspondência 1947-1974*. São Paulo: Edusp / Fundação Pierre Verger, 2017.
- NUNES PEREIRA, M. *A Casa das Minas: contribuição ao estudo das sobrevivências do culto dos voduns do panteão daomeano no estado do Maranhão*. Petrópolis: Vozes, [1947] 1979 .
- RAMASSOTE, R. Cartas de trabalho: a correspondência de Octávio da Costa Eduardo a Melville J. Herskovits. *Revista Pós Ciências Sociais*, São Luiz, v. 14, n. 27, p. 231-248, 2017a.
- RAMASSOTE, R. (org.), Correspondência enviada por Octávio Costa Eduardo a Melville J. Herskovits. *Revista Pós Ciências Sociais*, São Luiz, v. 14, n. 27, p. 249-288, 2017b.
- SERRA, O. *Águas do rei*. Petrópolis: Vozes/Rio de Janeiro: Koinonia, 1995.
- VERGER, P. Uma rainha africana mãe de santo em São Luís. *Revista USP*, São Paulo, n. 6, p. 151-158, 1990.

VERGER, P. Le culte des voduns d'Abomey aurait-il été apporté à Saint-Louis de Maranhon para la Mère du Roi Ghèzo? *In*: VERGER, P. (org.) Les Afro-Américains. Dakar: IFNA, 1952. p. 157-160.

RESUMO

Este artigo é uma contribuição para a história da antropologia das religiões de matriz africana no Brasil. Debruça-se sobre as tematizações contraditórias de Roger Bastide e Sérgio Ferretti sobre o sincretismo e a Casa das Minas (São Luís, MA). Começo por apresentar os aspectos principais da reflexão de Bastide sobre os dois tópicos, para depois me concentrar nas críticas de Ferretti ao antropólogo e sociólogo francês. Estas desenvolvem-se em dois planos: um deles é dominado pela crítica ao famoso “princípio do corte” defendido por Bastide; o outro tem a ver com a abordagem de Bastide à Casa das Minas, apresentada como o terreiro mais africano do Brasil, onde o sincretismo seria irrelevante. Examinado seguidamente os apoios bibliográficos mobilizados por Bastide em defesa do seu ponto de vista. Na conclusão, regresso a Sérgio Ferretti, de forma a situar melhor a sua importância na antropologia das religiões afro-brasileiras dos anos 1990.

PALAVRAS CHAVE

História da antropologia. Religiões afro-brasileiras. Sincretismo. Tambor de Mina.

ABSTRACT

This article is a contribution to the history of anthropology of Afro-Brazilian religions. It focuses on Roger Bastide's and Sérgio Ferretti's contradictory thematisations of syncretism and of their approach to the Casa das Minas cult house (São Luís, MA). I begin by presenting the main aspects of Bastide's reflection on the two topics, and then focus on Ferretti's criticisms of the French anthropologist and sociologist. One of Ferretti's criticisms is dominated by the critique of the famous “principle of cut-off” defended by Bastide. The other has to do with Bastide's approach to Casa das Minas, presented as the most African cult house in Brazil, where syncretism was irrelevant. I then examine the bibliographical supports Bastide use to defend his point of view. In the conclusion, I return to Sérgio Ferretti in order to better situate his importance in the anthropology of Afro-Brazilian religions in the 1990s.

KEYWORDS

History of Anthropology. Afro-Brazilian religions. Syncretism. Tambor de Mina.

Recebido em: 04/12/2024

Aprovado em: 03/01/2025